

# O Banho e a Higiene Doméstica em Portugal

Luís Conceição

Director do Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Artes  
e do Curso de Arquitectura da Universidade Lusófona.

## Resumo

A prática generalizada do banho e da higiene íntima doméstica como valor social alargado, só começa a tomar expressão a partir do século XIX, se considerarmos, como domínios temporal e cultural, a sociedade portuguesa (e europeia em geral), desde a fundação da nacionalidade (Idade Média - séc. XII). A consagração desta prática transportou consigo grandes alterações nos contextos urbano e doméstico, com a implementação de sistemas de condução e distribuição de água ao domicílio, e com a necessária criação de espaços específicos, no âmbito da habitação, para essa finalidade: as casas de banho.

## Abstract

The generalized practice of bath and intimate domestical hygiene as a wide social value only starts to take expression from the 19th Century on, if we consider as temporal and cultural domains Portuguese society (and European in general), since the foundation of nationality (12<sup>th</sup> Century). The consecration of this practice brought with it huge changes to the urban and domestic context, with the implementation of systems of conducting and distribution of water to domicile, and with the need to create specific spaces for that purpose in the dwellings: the bathrooms.

A prática generalizada do banho e da higiene íntima doméstica como valor social alargado, só começa a tomar expressão a partir do século XIX, se considerarmos, como domínios temporal e cultural, a sociedade portuguesa (e europeia em geral), desde a fundação da nacionalidade (Idade Média - séc. XII). A consagração desta prática transportou consigo grandes alterações nos contextos urbano e doméstico, com a implementação de sistemas de condução e distribuição de água ao domicílio, e com a necessária criação de espaços específicos, no âmbito da habitação, para essa finalidade: as casas de banho.

Assolada pela grande ocorrência de epidemias, sobretudo nos séculos XIV e XV, de que, em Portugal, se tornaram expressivos os surtos de peste bubónica e de «peste negra», a população da Idade Média viveu momentos de grande pânico, cujas "precauções de carácter geral incluíam a abstenção dos prazeres sexuais, a moderação no comer e no beber, o uso de poucos banhos, [...], Etc."<sup>1</sup> Consequentemente, a ética da

<sup>1</sup> Marques, A. H. de Oliveira, "Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV", op. Cit..

higiene corporal privilegiava, na época, as partes expostas da pele: as mãos e a cara, pouca importância dando ao resto do corpo.<sup>2</sup> Bastava parecer-se limpo para o ser. A prática do banho era, em si mesma, muito diferente da nossa: os banhos de vapor e de água existiam na Idade Média, mas destinavam-se mais a outros tipos de prazer do que à lavagem. Para além do fascínio exercido pela disponibilidade de água quente, era normal os banhos medievais, muitas vezes de carácter colectivo, estarem associados a actividades mundanas hedonísticas e eróticas, relacionadas com as tabernas, os bordeis e a prática do jogo, com toda a turbulência e mau ambiente inerentes<sup>3</sup>. Por outro lado, os velhos banhos romanos, que se mantiveram, por algum tempo, na Alta Idade Média, sobretudo mosteiros<sup>4</sup>, são cada vez mais reservados aos doentes. Restam os rios e as piscinas das estações termais, onde a nobreza gosta de ir nadar com os seus convidados<sup>5</sup>. Juntamente com as sangrias, vômitos, mezinhas e purgas, o recurso às águas medicinais era um modo popular de combate à doença: os hospícios hidroterápicos funcionavam como autênticos «hotéis» termais<sup>6</sup>. Assim, numa época geralmente dominada pela sujidade e pelo contágio, singularmente é exactamente nos mosteiros que se encontram os únicos exemplos de organização higiénica. O uso do banho com uma frequência que nos pode parecer surpreendentemente escassa (duas a quatro vezes por ano), para a época era decisivamente boa, sendo acompanhado da tonsura e da lavagem semanal dos pés, de memória evangélica. Nas proximidades do refeitório existiam lavabos para as mãos e, de um modo geral, o abastecimento de água ao mosteiro era bem estruturado com condutas que transportavam, de modo racional, a água das chuvas ou dos rios. A esta organização higiénica sumária mas evidentemente eficaz deve-se o facto de a maior parte dos mosteiros ter sido poupada ao contágio pestilento que devastou, por muitos séculos, a Europa.

Recorda-se que, já no Império Romano, apesar de existirem pelo menos um banho público em cada cidade, e várias salas especialmente arranjadas para banhos nas casas das classes privilegiadas (*domus*), "o banho não era uma prática de higiene, mas um prazer complexo, tal como, entre nós, a vida de praia. Por isso os pensadores e os cristãos se negarão a este prazer; não terão o amolecimento de serem limpos e não se irão banhar senão uma ou duas vezes por mês."<sup>7</sup> Durante o período islâmico, a prática dos banhos públicos mantém-se, acentuada

também pela obrigatoriedade muçulmana das cinco abluções diárias, e pelo sentido do "prazer da água fresca"<sup>8</sup>. Particularmente demonstrativa desta prática é a requintada «Sala de Banho» do Paço Real de Sintra, cuja origem remonta à ocupação islâmica.

"Actualmente ainda o visitante incauto, que se detenha a examinar os azulejos da pequena câmara ou gruta do fundo, pode ser surpreendido por aqueles que o querem mistificar ou divertir-se à sua custa, com esguichos de água saindo das juntas desses azulejos e do tecto. Tentando escapar-se, é rodeado pelo chuveiro que o apanha de todos os lados. E se foge para o pátio, impede-lhe a retirada do repuxo, que do pelourinho central sai com toda a força."<sup>9</sup>

Apesar de tudo, as classes dominantes medievais têm um certo gosto pela limpeza: "O espaço que os palácios da Alta Idade Média destinavam aos banhos mantém-se nos séculos XI e XII, tanto nos mosteiros cluniacenses como nos hábitos da boa sociedade laica. Não se começa uma refeição ostentadora, aquela que se oferece na sala perante uma grande assistência, sem que se apresentem aos convivas os gomis para as abluções<sup>10</sup>." «Dar água às mãos» era, assim, um costume, antes e depois de cada refeição.

Na Europa do final da Idade Média, a lavagem do corpo já nem sempre provoca as prevenções do moralismo monástico; ou, pelo menos, as práticas do banho e da sauna parecem tão generalizadas em todos os meios, que as reservas sobre a lavagem completa e frequente do corpo parecem estar fora de moda. "Há várias maneiras de se lavar, na água do banho ou no vapor da sauna, a sós ou com várias pessoas. Quando se toma banho em casa, ele é preparado no quarto, junto ao fogo que serve para aquecer a água; é esse um dos primeiros deveres da hospitalidade."<sup>11</sup> No campo, a prática do banho também existe, dentro ou fora de casa, a sós ou em grupo. "Fora de casa, na

8 Marques, A. H., (coord.), "Portugal. Das invasões germânicas à reconquista", op. cit..

9 Conde de Sabugosa, O Paço de Sintra, op. cit..

10 "Na literatura de diversão a água corre abundantemente sobre o corpo do cavaleiro errante, constantemente esfregado, almofadado, tratado à noite, em cada etapa, pelas filhas do hospedeiro, sobre o corpo desnudado das fadas na fonte e nas cubas para o banho quente, prelúdio obrigatório de todos os jogos amorosos descritos pelos romances feudais, aparecendo a lavagem do próprio corpo e de dos outros como uma função específica das mulheres, senhoras da água, doméstica ou selvagem." (Duby, Georges, "Problemas. A emergência do indivíduo", op. cit.).

11 "Na rica habitação burguesa dos finais da Idade Média as pessoas despem-se e banham-se no seu privado. Na casa de Anton Tucher de Nuremberga, por volta de 1500, o dono da casa passa do seu quarto para uma pequena sala onde se despe e onde está instalada uma celha, perto do fogão de latão, sobre um solo lajeado coberto com uma guarnição de madeira. Faz-se na água uma infusão de plantas odoríferas, segundo uma receita de Galeno, aspergindo sobre aquele que toma banho com pétalas de rosa." (Braunstein, Philippe, "Abordagens da intimidade, séculos XIV-XV", op. cit.).

2 Cf. Vigarello, Georges (1988), op. cit..

3 Cf. Vigarello, Georges (1988), op. cit..

4 Em Cluny, o costume prescrevia que os monges tomassem um banho completo duas vezes por ano, nas festas da renovação. (Cf. Duby, Georges, "Problemas. A emergência do indivíduo", op. cit.).

5 Rouche, Michel, "A Alta Idade Média Ocidental", op. cit..

6 Cf. Marques, A. H. de Oliveira, "Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV", op. cit..

7 Veyne, Paul, "O Império Romano", op. cit..

cidade como no campo, ia-se frequentemente a estabelecimentos públicos, por vezes geridos pela comunidade. Alguns deles acrescentavam a cura termal às abluções.<sup>12</sup>

Em Portugal, a literatura dos séculos XIV e XV, é abundante em menções a banhos, totais ou parciais, nos rios. "Molhavam-se ou lavavam-se os pés, o rosto e os cabelos. Dentro das casas havia lavatórios e, por certo, banheiras também, sem falar das muito frequentes bacias indicadas na documentação."<sup>13</sup> As casas nobres dispunham das suas *privadas*, impossíveis hoje de conhecer em pormenor<sup>14</sup>. Em cidades e vilas encontravam-se algumas normas de limpeza pública e algumas providências no sentido do abastecimento de água, que contaram com a construção de chafarizes e com a canalização da água de certas fontes, por iniciativa das edilidades. Assim sucedeu em Lisboa, Santarém, Évora, Porto e Coimbra, onde os chafarizes eram numerosos<sup>15</sup>.

No século XVI, a crescente importância dada ao uso da roupa interior e à sua aparência, vem alterar ligeiramente a prática medieval da higiene<sup>16</sup>, embora essa alteração pouco tenha a ver com o modo como a água é utilizada: "a ablução era independente dessa transformação, e a limpeza neste caso não estava relacionada com o acto de lavar"<sup>17</sup>. É o tratamento dado à roupa interior que vem criar um novo espaço físico para a limpeza, sempre na sua vertente de «aparência», chegando mesmo a atingir características de espectáculo na corte da França clássica. É curioso o modo como a limpeza e a brancura das telas que sobressaem por de baixo da roupa exterior, se vem sobrepor à higiene da pele, de modo ainda mais expressivo, no século XVII, quando era já generalizada a rejeição da água, tida como veículo contaminador do corpo, portador de doenças e de várias moléstias e pestes<sup>18</sup>.

Nesta óptica de rejeição da água, "a *toilette* deve pois ser «seca»; identifica-se com o enxugar e com o perfume e a partir de então compreende-se melhor a importância da roupa interior, que não é apenas a marca de uma conformidade social. Quando, nos anos 1740-1750, a água -quente e depois fria - faz um espectacular regresso às técnicas de limpeza, ela torna-se sem dúvida o indício de novas distinções sociais; mas fica ao mesmo tempo inscrita numa nova imagem do corpo, que ultrapassa, também ela, o saber viver: a higiene reabilita a intimidade corporal e legitima a procura de uma melhor utilização dos recursos orgânicos. Medicalizada, depois escolarizada, tornar-se-á de resto, e em breve, a instância inédita de uma nova forma de fiscalização colectiva dos comportamentos."<sup>19</sup>

A higiene «moderna» nasce da reacção a esse entendimento do visível. A segunda metade do século XVIII e o século XIX trazem um novo entendimento da limpeza, em que o factor saúde predomina sobre o da aparência. As novas teorias burguesas oitocentistas de higiene, tinham já a ver com a «limpeza dos poros e a firmeza das fibras», transmitida pelo uso da água, como modo de fortalecimento e libertação do corpo.<sup>20</sup> A partir dos finais do século XVIII, é a ciência que vem justificar a higiene: limpar é proteger e fortificar o corpo, é eliminar os micróbios. As descobertas de Pasteur, na segunda metade do século XIX, vêm reforçar esta atitude.

Esta nova tomada de consciência vem induzir no espaço doméstico burguês a generalização as zonas privadas, destinadas à higiene íntima, com as subsequentes alterações topológicas e tipológicas do habitat. Assim, nas grandes casas senhoriais, e nas residências das classes mais abastadas surge, já no século XVIII, a casa de banho, "com as suas porcelanas, jarras e bidés (embora raros), correspondendo a uma limpeza mais secreta"<sup>21</sup> e, nos finais do séc. XIX, sistematiza-se uma regra: "fechar rigorosamente os acessos aos sanitários e às casas de banho". O toucador junto ao quarto de dormir transforma-se em casa de banho<sup>22</sup>, sítio em que "não se entra acompanhado", nem dos criados, já que toda uma série de adereços, desconhecidos até então, permite prescindir da sua ajuda<sup>23</sup>.

12 Braunstein, Philippe, "Abordagens da intimidade, séculos XIV-XV", op. cit..

13 Marques, A. H. de Oliveira, "Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV", op. cit..

14 Cf. Marques, A. H. de Oliveira, "Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV", op. cit.. O paço de Sintra possuía, no reinado de D. Duarte, nada menos que quatro destas privadas, "pouco maiores, todas elas, do que um simples urinol ou casinha de mijar. (...) No paço dos duques de Bragança, em Guimarães, a água das chuvas, canalizada pelos algeiros, vinha desaguar nas privadas." (Idem).

15 Cf. Marques, A. H. de Oliveira, "Portugal na Crise dos Séc. XIV e XV", op. cit..

16 Nos séculos XIV e XV, a sujidade das roupas tinha-se por sacrifício: "A princesa Santa Joana chegou a usar a mesma camisa durante meses e meses, sofrendo terrivelmente com as legiões de piolhos que se iam criando. O facto é louvado pela sua biógrafa como testemunho de capacidade de sacrifício. Casos como este não seriam porventura raros, mas suscitavam sempre admiração." (Marques, A. H. de Oliveira, "Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV", op. Cit.).

17 Vigarello, Georges (1988), op. cit..

18 "A elite da França clássica acreditava que um corpo banhado era uma massa invadida pelo líquido, perturbada pela fatura e inflamada: bolsas porosas, carnes impregnadas. Os poros eram considerados aberturas; os órgãos receptáculos; abundam exemplos de obscuras penetrações. Os contágios ofereciam por si só uma ilustração das mesmas". Vigarello, Georges (1988), op. Cit.).

19 Revel, Jacques, "As práticas da civilidade", op. cit..

20 "Igualmente simbólica era a diferença entre uma aristocracia ligada à tática da aparência e uma burguesia que inventou o «vigor». Um código cénico versus um código de força." (Vigarello, Georges (1988), op. cit.).

21 Vigarello, Georges (1988), op. cit..

22 Vigarello, Georges (1988), op. Cit..

23 "A marquesa de Châtelet podia assim, no século XVIII, fazer-se banhar, com perfeita indiferença, pelo seu criado Longchamp, cuja virilidade era no entanto suficientemente consciente para se sentir perturbado, como confessa nas suas *Mémoires*. Século e meio depois o quarto de banho, tornado santuário, fecha-se sobre a nudez dos senhores, que já não suportam ser vistos pelos seus criados. «A senhora veste-se sozinha e penteia-se a si própria. Dá duas voltas à fechadura do quarto de vestir e mal tenho o direito de lá entrar», lamenta Célestine de Mirbeau (*Journal d'une*

O prazer e a intimidade da ablução tornam-se mais expressivos, nesta época, em que também as cidades se higienizam e transformam, com a criação dos sistemas subterrâneos de abastecimento de água ao domicílio, e das respectivas redes de esgotos. Faz-se referência, claro está, aos grandes centros urbano<sup>24</sup>s, já que os trabalhos para o abastecimento de água ao domicílio nos meios rurais, e na maior parte das sedes de concelho, se irão prolongar, em Portugal, por todo o século XX, até às décadas de 70/80.

Em Lisboa, finda a grande aventura de D. João V neste sector – o aqueduto das Águas Livres – e em face do acréscimo demográfico, dos novos padrões de higiene e de conforto, e do desenvolvimento da industrialização então emergentes, constrói-se novo aqueduto, desprovido da espectacularidade arquitectónica do seu antecessor, que vai captar as suas águas às nascentes do rio Alviela. Este novo e complementar meio de abastecimento de água à cidade é inaugurado em 1880, pelo rei D. Luiz. Simultânea e consequentemente, a partir de 1886, constroem-se novos chafarizes e bicas em Lisboa, também sem a expressão arquitectónica e escultórica dos seus antecessores setecentistas e oitocentistas, para dar serventia às novas zonas operárias da cidade<sup>25</sup>, enquanto as habitações das classes mais abastadas e os prédios de rendimento começam, gradualmente, a prover-se de abastecimento de água ao domicílio.

A partir de meados ou finais do século XIX acelerou-se em Portugal, nomeadamente nas grandes cidades, a construção de prédios de rendimento para habitação, subdivididos em andares para aluguer. A organização destes andares, que em média continham seis a oito divisões<sup>26</sup>, foi progressivamente adquirindo semelhanças tipológicas comuns no território urbano nacional, segundo uma estrutura apoiada num corredor que ligava a entrada à cozinha e à sala de jantar, localizando-se estes aposentos a tardoz. A casa de banho, "atravancada de jarros e bacias", adossava-se com frequência à cozinha, entre esta e a sala de jantar, nos fundos da habitação<sup>27</sup>.

*femme de chambre*), como se perdesse uma parte do seu poder. Georges Vigarello mostra como uma «Relação de si para consigo próprio mais exigente» procede a esta expulsão. (Perrot, Michelle, "Personagens e papéis", *op. cit.*).

24 "Em Paris, só em 1865 atingirá a água os andares mais altos dos prédios da margem direita, e nos da margem esquerda dez anos mais tarde". (Guerrand, Roger-Henri, "Espaços privados", *op. cit.*).

25 Cf. Nunes, Isabel, *op. cit.*

26 Cf. Marques, A. H. (Coord.), "Portugal. Da Monarquia para a República", *op. cit.*

27 "Afastar o quarto de banho - quando existe - dos quartos de dormir é pouco importante, já que o seu material não é de uso quotidiano. A água só terá valor depois das descobertas de Pasteur: elas farão da lavagem das mãos uma nova obrigação social". (Guerrand, Roger-Henri, "Espaços privados", *op. cit.*). São também as descobertas de Pasteur sobre microbiologia que levam ao abandono, nas principais cidades europeias, das fossas das latrinas, cujos dejectos eram utilizados para adubo. De facto grandes cidades, como Paris, só aderem ao uso do autoclismo, já

A cozinha tinha, geralmente, uma varanda envidraçada, onde se localizava um recanto com a pia. A incorporação de casa de banho própria no conjunto da habitação de classe média era já generalizado nas grandes cidades portuguesas nos começos do século XX<sup>28</sup>. Nas moradias, era maior o número de divisões e de casas de banho. A casa rural, contudo, não sofreu grande evolução neste período, raramente incluindo compartimentos para retrete ou banhos<sup>29</sup>.

Nas casas de maior prestígio, com o decorrer do tempo e com uma maior habituação ao seu uso, a casa de banho vai-se aproximando, progressivamente, dos quartos de dormir, utilizando, como modelo, o hotel americano<sup>30</sup>. É preciso esperar pelo final da primeira metade do século XX para que esta situação se generalize e para que as velhas edificações ainda em uso se vão ajustando aos novos preceitos de limpeza. Os grandes surtos de doenças pulmonares, de que se destacam a tuberculose e a pneumónica, que assolaram a Europa nas primeiras décadas do nosso século, vêm também exacerbar uma nova tomada de consciência no sentido dos cuidados do corpo e da respectiva higiene íntima, bem como da qualificação dos espaços públicos, nomeadamente, dos destinados à prática do desporto.

A insalubridade geral dos bairros populares e operários<sup>31</sup>, bem como dos aquartelamentos militares, prisões e equipamentos escolares<sup>32</sup>, aliada à real incapacidade de suprir essa insuficiência exclusivamente através dos chafarizes e bicas de

vulgarizado na Grã-Bretanha durante o século XIX, nessa altura, também graças ao aparecimento do guano e dos nitratos do Chile, já que se considerava o uso do autoclismo como um desperdício de água e de matéria-prima. Mesmo assim, os arquitectos continuarão, durante muito tempo ainda, "a implantar as latrinas num sítio qualquer, mesmo em anexos de cozinha, já que não é conveniente as pessoas preocuparem-se com «essas coisas»". (Cf. Idem).

28 Cf. Marques, A. H. (coord.), "Portugal. Da Monarquia para a República", *op. cit.*

29 Cf. Marques, A. H. (coord.), "Portugal. Da Monarquia para a República", *op. cit.*

30 Cf. Vigarello, Georges (1988), *op. cit.*. "Para além de um quarto de boas dimensões, com cerca de quatro ou cinco metros de altura, proporcionam ao viajante uma grande casa de banho e uma retrete. (...) Neste lugar de sonho não só encontrará a retrete indispensável, como toda uma série de

31 aparatos sanitários maravilhosamente dispostos." (Idem).

"A higiene do corpo dependia muito das condições habitacionais. A maior parte das casas de Portugal não dispunha de casa de banho. Mesmo em Lisboa era grande a percentagem de habitações nessas circunstâncias. As pessoas lavavam-se parcialmente nos lavatórios e *bidets* existentes nos quartos de cama e, de tempos a tempos, tomavam banho em alguidares e celhas colocados nas cozinhas, varandas, quintais, etc. (...) Continuava aliás muito vivo, sobretudo no campo, o preconceito contra os «excessos» de lavagem, considerados nocivos à saúde." (Marques, A. H. (coord.),

32 "Portugal. Da Monarquia para a República", *op. cit.*).

"Nas escolas primárias, a legislação de 1911 determinou o estabelecimento de balneários (Decreto de 29.3.1911, Artº., n.º 3.º, D.G., n.º 73, de 30; COLP, 1911, I, p.579), mas a medida tardou em efectivar-se. Esta disposição generalizar-se-ia, mais tarde, aos quartéis." (Marques, A. H. (coord.), "Portugal. Da Monarquia para a República", *op. cit.*).

água, vem, a partir de finais do séc. XIX, originar a construção de "balneários", quer integrados nas estruturas destas instituições, quer na forma de equipamento de uso público. A avaliar, pelos diversos testemunhos da época, sobre os hábitos de higiene dos portugueses, a situação era bastante precária.<sup>33</sup> Por outro lado, as disponibilidades de água e da sua rede de distribuição, aliada aos custos da sua exploração, também não seriam de molde a permitir actuações de grande vulto. Assim, e à semelhança do que se vinha passando nas principais cidades europeias, e por questões de economia, era preciso racionalizar o consumo da água, «lavando o maior número de corpos em menos tempo»<sup>34</sup>, pelo que se tornou necessário, em estabelecimentos colectivos, evitar o «banho deitado», instituindo-se a prática do duche, como modelo<sup>35</sup>.

Os banhos públicos surgem, deste modo, em edificações muitos simples e modestas, sem pretensões formais ou espaciais específicas, destinadas a conter baterias de chuveiros contíguos, separados por cortinas ou tabiques, de modo a permitir a prática da higiene com economia: com o mesmo volume de água, o duche serve mais banhos, em menos tempo. O quarto de banho do apartamento burguês e o duche do estabelecimento popular coexistem, assim, como dois tipos diferentes de limpeza: o primeiro, voltado para a prática do prazer individual, o segundo, para a prática colectiva da higiene<sup>36</sup>.

A partir de finais do séc. XIX surgem, também, nas principais capitais europeias, as piscinas colectivas aquecidas, que procuram aliar à higiene pública a prática do exercício físico. A pouco e pouco, essas «piscinas dos pobres», com águas «conspurcadas», vão cedendo ao aparecimento das piscinas

públicas do nosso tempo, providas de outros padrões de higiene<sup>37</sup>, e de outros objectivos de carácter recreativo, desportivo e cultural.

A recente transformação da casa de banho, de puro ambiente de serviço a espaço alargado a uma série de actividades voltadas para a preocupação estética e sanitária do próprio corpo, tornou-se possível através de uma série de inovações tecnológicas que interpretaram o novo gosto no sentido da higiene doméstica e do *relax*. Afirmando-se rapidamente no imaginário do homem moderno, a banheira de hidromassagem aparece em inúmeras versões, que se diferenciam pela forma, pelas dimensões e materiais empregues, mas que têm em comum o efeito agradável e distensivo que os jactos de água e de ar oportunamente misturados, têm sobre o corpo, que é submetido a uma verdadeira massagem combinada em várias direcções. As versões mais sofisticadas, são providas de um regulador da temperatura da água, bem como da duração e intensidade do jacto. O uso antiquíssimo do *sauna* nórdico, está agora ao alcance de (quase) todos, com os práticos blocos de duche que incorporam geradores de vapor para climatizar a cabina. A simples emissão no gerador de uma pastilha especial, provoca o desprender de eflúvios perfumados benéficos e fito cosméticos.

Há apenas vinte anos, parecia que os aparelhos sanitários tinham estabilizado numa tipologia restrita, num *standard* imutável. Hoje, basta percorrerem-se as páginas dos catálogos ou das revistas da especialidade, para tomar consciência do enorme acervo de formas, desenhos, cores e materiais, propostos para resolver os problemas de arrumação e de sistematização dos espaços, e para satisfazer as exigências de quem queira transformar a casa de banho em algo que, para além das suas funções tradicionais, se constitua enquanto espaço vivencial diferenciado.

Esta desmaterialização do banho enquanto higiene, com o subsequente hedonismo na apropriação, é cíclica. À qualificação de um uso, segue-se a qualificação da envolvente, esvaziadora do seu sentido primeiro: a acção da moda, pressupõe uma *modificação* do uso e, por conseguinte, da superestrutura formal. Ao recôndito «reservado» do princípio do século, sucede o aparatoso quarto de banho, que não se hesita em mostrar à visita mais cerimoniosa: quanto mais íntimo e belo (e caro?), mais publicamente desejável. A esta prevalência da carne sobre «alma» que a sustém, corresponde a sistemática

33 Num curioso livro sobre a vida e os costumes portugueses (*Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume, and Character*, by A.P. D.G. London, 1828), citado por Augusto Vieira da Silva em "Barcas de Banhos do Tejo", *op. cit.*, aquele Comissário do Exército Inglês, fala-nos assim dos hábitos de higiene dos portugueses: "A terapêutica portuguesa recomenda os banhos para todas as espécies de doenças ou incómodos; e talvez algumas vezes façam bem. Porque, se não fosse isso, nove décimos das mulheres de Portugal nunca teriam experimentado uma ablução desde a sua primitiva baptismal; nem mesmo uma simples lavagem de cara, de manhã, com uma toalha. Esta última operação efectua-se geralmente sem grande rigor, molhando elas levemente na boca a ponta dum lenço ou duma toalha, e esfregando-a nas faces, sobrancelhas e nariz. (...) Os homens têm uma espécie particular de sujidade, que consiste, entre outras coisas, em não se barbear mais de uma vez por semana. Por isso muitas vezes os vemos com barbas com cerca de uma polegada de comprimento, negras, ásperas, e parecidas com escovas de fato."

34 "O banho em banheira, à moda antiga, leva demasiado tempo, torna-se demasiado caro para as massas operárias. Perda de tempo e de dinheiro..." (Vigarello, Georges (1988), *op. cit.*).

35 "Os militares foram os primeiros, por volta de 1860, a utilizar o duche característico da hidroterapia, com o fim de verter «em forma de chuva» uma água minuciosamente calculada. Um sistema tanto mais atractivo quanto se adequa à disciplina, às filas e aos movimentos colectivos e regulamentados". (Vigarello, Georges (1988), *op. cit.*).

36 Vigarello, Georges (1988), *op. cit.*.

37 "Foi no primeiro terço do século XX que se intensificou a vida de praia e o hábito do banho de mar em que a razões puramente médicas, se aliaram outras, desportivas e lúdicas. A partir da década de Vinte, o resguardo da cútis e o culto da pele branca cederam lugar ao bronzamento pelo sol nas praias e nas piscinas." (Marques, A. H. (coord.), "Portugal. Da Monarquia para a República", *op. cit.*).

desqualificação dos valores correlativos. O valor, no tempo corrente, não está na água, mas na eficácia do seu uso e na forma dos seus contentores. O homem urbano habituou-se a conviver com a água, como com a electricidade: ela só toma expressão (catastrófica) quando falta. A esta desvalorização corresponde o abandono da poética e do esforço onírico inerentes. A tarefa de condução e contenção do precioso líquido ficou restringida ao accionar de uma torneira, obviamente selectiva, em termos térmicos.

A água deixou de ser central, voltando a ser periférica, excepto no seu aspecto cénico. E não será a vida, hoje, mais que nunca, cenográfica, efémera, mediática e descartável, no que respeita ao quotidiano? E porque não, também, periférica?...